

Exportações e crescimento econômico do RS — 1951-01

Nali de Jesus de Souza

Doutor pela USP, Professor do Departamento
de Economia da PUCRS.

Resumo

Neste estudo, examinam-se as relações entre exportações e crescimento, com ênfase na economia do RS. Verificou-se que somente as exportações explicaram 85% do crescimento do PIB entre 1951 e 1966. Com a base econômica defasada de um ano (exportações mais despesas da União no RS), o R^2 subiu para 95,3%. O RS elevou as vendas externas no total das exportações de 9% em 1960 para 30% em 1972. Em 2000, as exportações internacionais de manufaturados cresceram para 61,3% do total contra 35,5% em 1980. A correlação entre essas exportações e o PIB atingiu 95,4% no RS, 85,5% no PR e 91,6% no Brasil. Com a crise da Argentina e o protecionismo dos EUA, o RS tem procurado outros mercados, como a China, a Europa e o resto da América Latina. Conclui-se que a conquista de novos mercados para manufaturados é vital para a expansão do PIB, o que exige aumento da competitividade através de novos investimentos em pesquisa tecnológica e na formação de recursos humanos.

Palavras-chave

Base exportadora; base econômica; economia gaúcha.

Abstract

This article examines the relationship between exports and economic growth in Rio Grande do Sul (RS). From 1951/66, the export base of RS explained 85% and economic base explained 95.3% of the RS GNP growth. The share of the State international exports, relative to its total exports, increased from 9% in 1960 to 30% in 1972. The share of the manufactured exports, relative to its total international exports, increased from 35.5% in 1980 to 61.3% in 2000. The correlation coefficient between these exports and GNP was 95.4% for RS, 85.5% for Paraná and 91.6% for Brazil. As result of the Argentina crisis and USA protectionism, the RS has diversified its exports to other external markets like China, European and others Latin American countries. The conclusion is that the opening toward new markets for manufactured products is essential for the economic growth. This requires new investments in human capital and research for new technology.

1 - Introdução

Nos anos 70, discutia-se no Brasil se o País deveria seguir um modelo orientado para as exportações, ou se seria mais racional voltar todos os esforços do crescimento econômico para o setor de mercado interno (SMI). O País estava crescendo rapidamente com base na expansão de suas exportações. A oposição, porém, em vez de reconhecer que novos empregos estavam sendo criados pelo crescimento acelerado das exportações e pelo afluxo de capitais externos, limitava-se a criticar o chamado “modelo exportador” e as debilidades da economia brasileira, como concentração de renda, desigualdades regionais e fracos indicadores de desenvolvimento humano. Esses desequilíbrios e debilidades aceleram-se justamente quando a inflação é alta e o crescimento econômico é baixo.

Pode haver, contudo, um conflito entre aumentar a produção de um bem para exportação, como soja, e mais alimentos para o mercado interno, como feijão. Isso pode ocorrer porque, no curto prazo, os fatores de produção podem estar plenamente empregados, ou o equilíbrio pode se encontrar muito próximo da fronteira das possibilidades de produção. No longo prazo, o cultivo de grãos para a exportação e para o SMI desloca-se para a fronteira agrícola, possibilitando o aumento simultâneo da produção de ambos os bens.

Não havendo conflitos, as exportações exercem impactos sobre o SMI. Quando elas crescem, aumentam as compras de insumos das empresas locais. O aumento do emprego e da renda no setor exportador (SE) implica maiores compras de bens e de serviços produzidos localmente. As exportações exercem um efeito multiplicador sobre o SMI. Dificilmente, se poderia comprovar o inverso, ou seja, que o aumento do SMI teria alguma repercussão sobre o nível de atividade das empresas exportadoras.

Atualmente, todos os países desejam expandir as suas exportações, e muitos deles ainda mantêm certo protecionismo, porque importações concorrentes eliminam empregos internamente. No entanto, torna-se impossível o aumento das exportações mundiais se o protecionismo se generaliza. O mérito da globalização é mostrar que o aumento das importações gera maior concorrência, reduzindo os preços dos insumos e dos bens finais, o que beneficia os consumidores e as empresas utilizadoras de insumos importados.

Este artigo se propõe a examinar as relações entre exportações e crescimento econômico, com ênfase na economia do Rio Grande do Sul, no período compreendido entre 1951 e 2001. No Capítulo 2, efetuar-se-á uma breve revisão da literatura das relações entre exportações e crescimento econômico; no Capítulo 3, será a vez de se analisar o papel das exportações do Rio Grande do Sul sobre a sua economia; finalmente, no Capítulo 4, estudar-se-á a evolução das exportações gaúchas entre 1991 e 2001, decompondo-as por grupos de produtos e segundo o destino.

2 - Exportações e crescimento econômico

Uma das causas das crises econômicas é o subconsumo dos trabalhadores, pelo mais lento crescimento do SMI em relação à capacidade de oferta. Desse modo, a possibilidade de aumentar as exportações surge como um elemento de elevação da demanda efetiva, afastando as crises e possibilitando a absorção da oferta global (Souza, 1999).

Da mesma forma, uma região ou um país que consiga produzir bens com longo alcance, podendo suportar altos custos de transporte, aumenta a complexidade interna de sua economia, densificando o tecido industrial.¹ O aumento do mercado gera economias de escala e maior eficiência produtiva, o que reduz os custos médios da economia. Isso estimula a acumulação do capital e o aumento do nível de emprego (Smith, 1983; Souza, 1999).

2.1 - Base exportadora e base econômica

A teoria da base exportadora foi uma das primeiras teorias do crescimento regional. Nos Estados Unidos, os pesquisadores chegaram à conclusão de que existe um conjunto de atividades econômicas motoras do crescimento regional. Essas atividades básicas seriam as que têm mercados externos à região, englobando as economias nacional e mundial. A idéia básica é a de que o aumento da produção da **base exportadora** exerce um **efeito multiplicador** sobre as **atividades não-básicas** ou de mercado interno (Sirkin, 1959; Tiebout, 1977; Souza, 1980; Balassa, 1989).

As atividades de mercado interno têm sido consideradas passivas e induzidas pela base exportadora. Contudo nenhuma atividade exportadora pode se desenvolver sem o apoio de determinados serviços e sem uma infraestrutura básica, como portos e outros meios de transporte e de comunicações eficientes. De outra parte, constatou-se que a base exportadora sozinha não explica integralmente o crescimento econômico global, principalmente quando a região se industrializa e aumenta de tamanho. No mundo como um todo, não existem exportações, mas tem-se o crescimento da renda (Tiebout, 1977).

Desse modo, surgiu a idéia de **base econômica**, conceito mais amplo do que o de base exportadora, por incluir outras variáveis exógenas, além das exportações, como investimento autônomo interno, gastos do Governo Federal na

¹ Inversamente, a redução dos custos de transporte, com o desenvolvimento dos meios de transporte, também aumenta o alcance dos bens. Nesse caso, a região exportadora pode competir em mercados ainda mais distantes.

área, ingresso de capitais externos, bem como todo o tipo de renda externa que provoque efeitos multiplicadores sobre as atividades de mercado interno, ao expandir os meios de pagamentos internos, sem provocar sensíveis aumentos de preços (Sirkin, 1959; Souza, 1980; Kohler, 2001).

Neste trabalho, a base econômica será formada apenas pelas exportações regionais. Além disso, nos anos mais recentes, por insuficiência de dados, as exportações consideradas serão somente aquelas destinadas ao mercado internacional, desconsiderando-se as exportações da região ao mercado nacional.

2.2 - Exportações e crescimento econômico de regiões e países

As teorias da base têm enfatizado que as exportações exercem um efeito multiplicador sobre o SMI. Nesse sentido, as regiões que conseguiram inserir-se dinamicamente nas economias nacional e internacional obtiveram maiores taxas de crescimento ao longo do tempo. Este foi o caso de muitas regiões de países hoje desenvolvidos. Nos Estados Unidos, as regiões que inicialmente exportavam grãos, carnes e madeiras em seguida desenvolveram uma atividade industrial de mercado interno, em função da agricultura, que logo se transformou em atividade industrial exportadora (North, 1977).

O grande volume das exportações norte-americanas e canadenses reduziu os preços dos alimentos e das matérias-primas na Europa e produziu um fluxo de renda que financiou a implantação da imensa infra-estrutura dessas economias. Por outro lado, os amplos mercados dos Estados Unidos e da Europa geraram economias de escala, redução dos custos médios, elevação da taxa de lucro, aumento dos investimentos no conjunto da economia e um processo cumulativo ascensional de desenvolvimento econômico.

No Brasil, da mesma forma, muitas regiões se desenvolveram com base nas exportações de alguns produtos básicos. Na medida em que esses produtos proporcionavam renda suficiente, havia impactos positivos sobre o crescimento urbano, a abertura de novas estradas e a dinamização dos serviços, do comércio e da indústria. Para as regiões brasileiras, o grande problema sempre foi a instabilidade dos mercados dos principais produtos de exportação, como charque, açúcar, algodão e minérios. Na medida em que a base exportadora era pouco diversificada, o produto total e o emprego total flutuavam significativamente em função de variações dos preços e, então, das quantidades ofertadas. As crises periódicas dificultavam o crescimento econômico e o surgimento de atividades industriais ligadas.

Com o surgimento do café, a base exportadora brasileira tornou-se muito mais dinâmica, e os seus impactos, bem mais significativos. Os preços internacionais do café permaneceram relativamente estáveis ao longo do tempo, graças ao controle da oferta brasileira de café. Isso se deve ao acordo de Taubaté, de 1906. Em função desse acordo, os cafeicultores passaram a formar um fundo constituído por um dólar por saca de café exportada. Com esses recursos, os excessos da oferta brasileira de café eram comprados pelos próprios produtores, o que evitava pressões de oferta sobre os preços internacionais do produto.

Com o aumento das exportações de café, a renda *per capita* do Brasil cresceu 1,5% ao ano entre 1850 e 1950. Segundo Celso Furtado, o “atraso” da economia brasileira deve-se à estagnação econômica havida entre 1780 e 1850 e não ao desempenho do período 1850-50. Segundo esse autor, se a renda *per capita* do Brasil houvesse crescido 1,5% desde 1800, em 1950 o Brasil teria uma renda *per capita* de US\$ 500, que era o nível da renda *per capita* dos principais países da Europa naquele ano (Furtado, 1970).

Os primeiros trabalhos da CEPAL condenavam a monocultura exportadora, em função das crises periódicas sobre o conjunto da economia, provocadas pela queda dos preços dos produtos primários exportados. Originalmente, os economistas cepalinos não deram muita importância ao SE, embora houvessem enfatizado a necessidade de diversificar a pauta exportadora e os mercados externos. A recomendação básica era promover a industrialização mediante substituição de importações. Em 1964, Prebisch reconheceu a necessidade de incentivar-se as exportações de produtos manufaturados, “principalmente daqueles que ultrapassaram a primeira fase do processo de industrialização” (Prebisch, 1964, p. 15). Exportando bens manufaturados, atingiam-se três objetivos básicos: promover a industrialização, obter divisas externas e gerar economias de escala na indústria.

Na literatura neoclássica, tem-se enfatizado que as altas taxas de crescimento dos países do Sudeste Asiático devem-se ao estímulo que esses países têm dado às suas exportações, principalmente de produtos manufaturados, intensivos em tecnologia e trabalho qualificado. Segundo Kravis (apud Balassa, 1989, p. 1649), os países subdesenvolvidos que seguiram as recomendações da CEPAL se tornaram muito protecionistas, taxando fortemente suas importações de bens manufaturados e mantendo impostos na exportação de produtos primários. Como resultado, entre 1953 e 1966, esses países perderam participação no mercado internacional, com suas exportações de produtos primários crescendo apenas 1,8%, enquanto as mesmas exportações por parte dos países desenvolvidos cresceram 5,7%. A insuficiência de divisas explicou, em grande parte, o estrangulamento externo e a redução da taxa de crescimento do produto nacional.

A experiência sul-coreana, assim como a da China do final dos anos 80, tende a indicar que o crescimento econômico se torna mais acelerado quando liderado pelas exportações do que por substituição de importações, sobretudo na sua forma mais pura. Entre 1965 e 1979, o PIB sul-coreano cresceu 9% ao ano, e o setor industrial, 19%. No final dos anos 80, o crescimento econômico sul-coreano acelerou-se ainda mais, puxado por suas exportações, e esse país começou a pagar o principal de sua dívida (Souza, 1999, p. 377). A renda *per capita* sul-coreana cresceu 6,4% ao ano entre 1965 e 1987 contra apenas 2% ao ano para o caso dos 17 países mais endividados (Collins, 1990, p. 104).

Entre 1970 e 1993, a estrutura da economia sul-coreana modificou-se substancialmente. A liderança do crescimento coube às exportações de máquinas e materiais de transporte, que passaram de 7% para 43% do total exportado anualmente (Souza, 1999, p. 379). Exportações de produtos intensivos em tecnologia e em capital humano têm sido apontadas como o principal fator do desenvolvimento sul-coreano, ao lado de outros fatores, como alta taxa de poupança, planejamento estatal, continuidade de políticas econômicas, grandes investimentos em educação e cooperação entre governo e setor privado (Yoon; Souza, 2001).

2.3 - Síntese dos fundamentos do conceito de base exportadora

Em resumo, os principais argumentos acerca das vantagens de um modelo voltado ao crescimento das exportações são os seguintes:

- a) **complementar o mercado interno** - o SMI pode estar trabalhando com capacidade ociosa, se a demanda interna estiver saturada. Se o consumo interno cresce menos do que a oferta interna, então as exportações desafogam os estoques não vendidos;
- b) **gerar economias de escala** - o aumento das exportações dilui os custos fixos, reduzindo os custos médios. O aumento da margem de lucro estimula os investimentos, o que gera novos empregos no SMI pelos efeitos de multiplicação;
- c) **melhorar a eficiência produtiva interna** - a concorrência nos mercados externos leva à especialização e à manutenção de elevados padrões de eficiência e competitividade. Os contatos internacionais geram novos conhecimentos, que são repassados ao SMI;

- d) **melhor aproveitamento dos recursos disponíveis** - o aumento das exportações reduz a ociosidade da economia e aumenta o emprego dos recursos disponíveis, como terras, minerais, mão-de-obra, empresariado e capitais;
- e) **interdependências tecnológicas e econômicas** - o crescimento das exportações repercute no SMI via efeitos de multiplicação da renda e do emprego. Isso ocorre pela demanda de serviços e pela compra de insumos e de bens de capital produzidos pelo SMI. Um complexo exportador como a General Motors no RS agrupa em torno de si um conjunto de empresas fornecedoras, que, por sua vez, compram de outras empresas localizadas no Estado, as quais adquirem bens e serviços locais. Os efeitos da empresa exportadora também podem ocorrer pela venda de insumos para empresas da área. Esse é o exemplo de empresas de autopeças que fornecem insumos para a indústria automobilística do centro do País, assim como para a própria GM no RS.

3 - Exportações e crescimento econômico do RS

O Estado do Rio Grande do Sul já foi considerado o celeiro do Brasil, através da pecuária, que se desenvolveu com a exportação de charque e mulas para os centros urbanos e de mineração da Região Sudeste. Isso ocorreu com o desenvolvimento da economia cafeeira no Rio de Janeiro e em São Paulo e com o ciclo do ouro em Minas Gerais. O charque era utilizado, principalmente, para alimentação de escravos, e as mulas, para tração nas minas.

3.1 - A formação da economia do Rio Grande do Sul

A triticultura do RS entrou em declínio por ser menos rentável do que a pecuária. As charqueadas gaúchas, baseadas no trabalho escravo, eram, no entanto, menos produtivas do que as charqueadas platinas. Porto Alegre retomou, mais tarde, sua hegemonia, em relação a Pelotas, com a emigração alemã e o declínio das charqueadas (Singer, 1974, p. 154).

Com as emigrações alemã e italiana, aumentou a produção de banha, farinhas, feijão, milho, erva-mate e fumo, sendo a maior parte da produção destinada ao mercado local. Aos poucos, os excedentes passaram a ser exportados, sendo a maior parte escoada pelo porto de Porto Alegre. A navegação fluvial foi o principal meio de transporte de produtos. Com a chegada das ferrovias, as colônias conheceram desenvolvimento considerável, provocando melhoramentos urbanos em Porto Alegre e em São Leopoldo (Singer, 1974, p. 163).

Com o desenvolvimento decorrente, formaram-se empresas industriais e comerciais, em Porto Alegre, por empresários e capitais imigrantes. No final do século XIX, surgiram a Faculdade de Medicina e as Escolas de Engenharia e de Direito, juntamente com um próspero artesanato: ferreiros, serralheiros, pedreiros, marceneiros, carpinteiros, tecelões, alfaiates. Com o aumento do dinheiro em circulação, cresceu a importação, o que deu surgimento às casas comerciais de importação. Estavam criadas as condições para o aparecimento da indústria, o que se materializou com a criação de fundições, serralherias, construção de navios, fabricação de cigarros, vinagre e cerveja (Singer, 1974, p. 171).

A substituição de importações intensificou-se no Brasil como um todo na década de 90, mas a produção manufatureira das diferentes “ilhas industriais” destinava-se aos mercados locais. Esses centros estavam protegidos da concorrência de fora pelos altos custos de transporte. São Paulo ainda não se constituía no centro industrial hegemônico.

Em 1907, o maior centro produtor era o RJ, com 33,1% do total do Brasil, seguido por SP (16,5%), RS (14,9%) e MG (4,8%). Em 1920, SP já detinha o maior volume da produção industrial brasileira (31,5%), seguido por RJ (20,8%) e pelo RS (11%). Em 1958, essa posição passou a ser a seguinte: SP (53,2%), RJ (11,2%), RS (8,1%) e MG (5,7%). Como se observa, a indústria gaúcha cresceu bem menos do que o conjunto da indústria brasileira. Entre 1907 e 1958, enquanto a produção da indústria brasileira foi multiplicada por 25, a produção da indústria gaúcha cresceu apenas 13 vezes (Singer, 1974, p. 177; 179).

Essa maior performance da indústria brasileira, na verdade, deve ser tributada ao desempenho da indústria paulista. Segundo Singer (1974), o maior dinamismo da indústria paulista se deve ao fato de a capital paulistana dispor de “uma área tributária maior”, ou seja, pela maior dimensão de seu SMI. Além disso, o crescimento da economia cafeeira proporcionou o desenvolvimento das ferrovias, interligando os centros produtores aos portos e aos centros urbanos, o que reduziu os custos de transporte e aumentou o alcance dos bens.

A indústria de São Paulo pôde contar com uma população mais numerosa e com maior nível de renda, em função da introdução do trabalho assalariado na economia cafeeira de exportação. Essa dificuldade poderia ser contornada pela indústria do RS se fosse possível aumentar as suas exportações internacionais, o que teria aumentado os meios de pagamentos internos e dinamizado a economia como um todo. No entanto, isso só foi ocorrer no início dos anos 60, como será visto adiante.

3.2 - Crescimento econômico do RS e desempenho de sua base econômica

Durante muitos anos, o RS foi considerado como o celeiro do Brasil. Por volta de 1940, a fronteira agrícola do Estado esgotou-se, e grande número de agricultores gaúchos deslocaram-se para o oeste de Santa Catarina e do Paraná. A fronteira agrícola brasileira estendeu-se mais tarde para a Região Centro-Oeste, deslocando parte da produção gaúcha. No entanto, as relações entre exportações e crescimento do PIB mantiveram-se bastante fortes entre 1951 e 1966, como atesta o estudo de Souza (1980; 1982). Nesse trabalho, verificou-se a existência de alta correlação entre o crescimento do PIB e o crescimento das exportações (coeficiente de correlação R^2 igual a 93%). Excluindo-se as exportações do PIB, obtém-se o produto do SMI. Nesse caso, o R^2 entre este último produto e as exportações foi de 85%, indicando que o dinamismo do SMI do RS deveu-se à base exportadora.

Restam, portanto, 15% de variações no SMI não explicadas pela base exportadora (X). Acrescentando-se a X os gastos da União no Estado (U), no período, obteve-se a base econômica ($B = X + U$). O R^2 subiu para 95% para o PIB e para 89% para o SMI. Defasando-se ($X + U$) de um ano, R^2 elevou-se para 94,6% para o SMI e para 95,3% para o conjunto do PIB (Souza, 1982, p. 124). Isso quer dizer que os gastos da União no Estado e as exportações de determinado ano vão explicar, de preferência, o nível do produto do ano seguinte. Em outras palavras, as interdependências entre as atividades econômicas não se verificam de imediato, mas necessitam de um determinado prazo para que se concretizem.

3.3 - Crescimento econômico do RS e desempenho de suas exportações internacionais

A partir dos anos 60, as exportações gaúchas para o mercado internacional passaram a crescer rapidamente. Em 1960, 91% das exportações gaúchas destinavam-se ao mercado nacional, restando apenas 9% para o mercado internacional. Em 1966, este último percentual passou para 22%, chegando a 30% em 1972. De outra parte, as exportações gaúchas de produtos industrializados elevaram-se de 30% das exportações totais em 1960 para 42% em 1970 (Souza, 1979, p. 436).

Essa mudança de estrutura resultou, principalmente, da crise econômica de meados dos anos 60 e da mudança do modelo econômico, resultando no aumento da abertura da economia nacional às exportações, através de incentivos fiscais e de outras medidas políticas.

Com a recessão interna, a economia procurou direcionar as suas vendas para o mercado externo. De outra parte, o ingresso de capitais externos e o aumento dos financiamentos industriais favoreceram a reestruturação econômica e o crescimento industrial. Apesar disso, entre 1965 e 1969, o desempenho da economia gaúcha ficou abaixo da média brasileira e ainda bem mais inferior ao crescimento ocorrido em SC e no PR (Tabela 1).

Tabela 1

Taxa média anual de crescimento, por quinquênios, do PIB e das exportações do Brasil e dos estados da Região Sul — 1960-01

(%)

PERÍODOS	BRASIL		RIO GRANDE DO SUL		SANTA CATARINA		PARANÁ	
	PIB	Exportações	PIB	Exportações	PIB	Exportações	PIB	Exportações
1960-64	4,8	3,5	6,2	35,4	2,3	-1,3	2,4	18,1
1965-69	5,7	8,5	4,2	11,9	8,7	0,6	9,6	19,6
1970-74	14,6	20,5	19,6	30,8	24,9	21,7	20,7	14,3
1975-79	10,1	5,3	6,9	5,6	9,0	11,4	7,6	9,4
1980-84	0,1	5,8	0,5	6,5	3,4	14,8	-3,8	5,0
1985-89	0,7	4,5	3,5	4,3	-0,2	10,8	4,1	1,7
1990-94	-1,0	3,8	-1,4	4,8	2,3	12,3	-3,7	6,0
1995-99	2,2	-0,1	-0,7	-1,9	2,2	-0,8	2,9	0,7
2000-01	-	7,5	-	9,9	-	6,0	-	13,5
Média 1960-01	4,6	6,5	4,8	11,4	6,7	8,7	5,0	9,2

FONTE DOS DADOS BRUTOS: SOUZA, Nali J. **Fatores de crescimento, mudança estrutural e indicadores de desenvolvimento da Região Sul, 1980/1995**. Porto Alegre, CPGE/UFRGS, 1998. Tab. A6.

NOTA: 1. Trata-se das exportações internacionais de cada estado.

2. Para o PIB, a média é do período 1960-99.

As exportações gaúchas cresceram menos entre 1965 e 1969 (11,9%) do que haviam crescido entre 1960 e 1964 (35,4%). A taxa média de crescimento do PIB reduziu-se de 6,2% no quinquênio anterior para 4,2% entre 1965 e 1969. Já no período seguinte, tanto as exportações internacionais como o PIB do RS cresceram acima da média brasileira. Esse desempenho foi superior ao de SC e PR em termos de exportações e praticamente igual no que diz respeito ao PIB. O principais produtos exportados pelo RS foram, principalmente, soja, calçados, fumo e artigos da metal-mecânica.

O aumento da capacidade de importar, o ingresso de capitais externos, os financiamentos industriais via BRDE/BNDES, a expansão das exportações e o otimismo geral da economia foram os principais fatores do crescimento econômico do RS. Já na segunda metade dos anos 70, com as duas crises do petróleo, reduziram-se tanto o ritmo de expansão das exportações como o crescimento do PIB. O efeito dessa crise parece ter sido mais intenso no RS do que no conjunto do País.

A redução da taxa de crescimento das exportações repercutiu, desfavoravelmente, no ritmo de crescimento do PIB, o qual esteve próximo de zero, em média, nos primeiros anos da década de 80, recuperando-se, ligeiramente, entre 1985 e 1989, para tornar-se negativo na primeira metade dos anos 90. Evidentemente, a redução do ritmo exportador não foi o único elemento a explicar o fraco desempenho da economia. As altas taxas inflacionárias e o crescimento da dívida externa reduziram os investimentos, provocando recessão e desemprego. Como se observa na Tabela 1, a economia gaúcha acompanhou a recessão do conjunto da economia nacional na primeira metade dos anos 80 e 90, mas a sua crise foi menos intensa do que na economia paranaense.

Apesar das crises, houve forte mudança na estrutura produtiva do RS desde 1980 (Tabela 2). Entre 1980 e 2000, observa-se que a participação das exportações gaúchas de produtos manufaturados nas suas exportações totais passou de 35,5% para 61,3%. Essa mudança de estrutura modificou-se com mais intensidade nos anos 90, pela maior abertura da economia ao Exterior e pela estabilidade trazida pelo Plano Real. No mesmo período, as participações das exportações de produtos básicos caiu de 50,2% para 26,7%, e a participação das exportações de produtos semimanufaturados declinou de 12,9% para 10,8%. Isso indica que a industrialização do RS tem sido impulsionada pelas exportações manufaturadas, o que influencia, fortemente, a taxa do crescimento do PIB (Tabela 3).

Tabela 2

Estrutura, por grupos de produtos, das exportações totais do RS — 1980-01

							(%)
ANOS	PRODUTOS BÁSICOS	INDUSTRIALIZADOS (A + B)	SEMIMANUFATURADOS (A)	MANUFATURADOS (B)	OPERAÇÕES ESPECIAIS	TOTAL	
1980	50,2	48,4	12,9	35,5	1,5	100,0	
1985	35,4	63,5	11,8	51,7	1,1	100,0	
1990	37,2	62,5	11,9	50,6	0,3	100,0	
1995	28,9	70,7	14,8	55,9	0,4	100,0	
2000	26,7	72,1	10,8	61,3	1,1	100,0	
2001	34,7	64,4	10,5	53,9	0,9	100,0	

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Mdic/Sessex.

Tabela 3

Correlação entre as exportações internacionais e o Produto Interno Bruto do Brasil e dos estados da Região Sul — 1960-95

COEFICIENTES	BR	RS	SC	PR
De correlação	0,916	0,954	0,816	0,855
De determinação	0,840	0,910	0,666	0,731

FONTE DOS DADOS BRUTOS: SOUZA, Nali J. **Fatores de crescimento, mudança estrutural e indicadores de desenvolvimento da Região Sul, 1980/1995**. Porto Alegre, CPGE/UFRGS, 1998. Tab. A6.

Como se observa, a correlação entre exportações e o PIB é mais forte no RS do que em SC, PR e para o Brasil em seu conjunto. A menor correlação de SC e do PR pode ser explicada pelas fortes ligações dessas economias com o mercado interno nacional, devido à maior proximidade com os principais centros consumidores do País.

4 - Evolução do comércio externo do RS — 1991-01

Os anos 90 foram caracterizados pela abertura da economia brasileira às importações, no contexto do plano nacional de modernização industrial, e pelo fim do processo inflacionário. As políticas comerciais tinham também como objetivo combater a inflação, ao aumentar a oferta interna de bens, no contexto da âncora cambial (Berni; Souza, 2001). Assim, o desempenho do setor externo do Brasil e dos diferentes Estados apresentou uma evolução bastante diferenciada nos anos 90 em relação à década anterior.

4.1 - Evolução das exportações do Rio Grande do Sul — 1991-01

Entre 1991 e 2001, as exportações do RS cresceram 1,8% em média, abaixo do ritmo de crescimento das exportações do Brasil (2,8%), de SC (2,8%) e do PR (6,9%). No RS, a queda das exportações foi mais intensa em 1998 e 1999, sendo o seu crescimento negativo em 1994 (-5,7%); enquanto, no PR, o crescimento das exportações foi de 37,2%, de 6,2% em SC e de 9,7% no Brasil como um todo (Tabela 4). As exportações do RS são, portanto, mais sensíveis às crises externas e a políticas comerciais adversas do Governo Federal.

Tabela 4

Exportações totais do Brasil e dos estados da Região Sul — 1991-01

ANOS	BR		RS	
	Valor (1) (US\$ mil)	Δ % Anual	Valor (1) (US\$ mil)	Δ % Anual
1991	41 143 544	-	4 286 331	-
1992	44 695 978	8,6	5 418 629	26,4
1993	46 742 118	4,6	6 278 001	15,9
1994	51 254 934	9,7	5 917 174	-5,7
1995	53 353 082	4,1	5 944 515	0,5
1996	53 439 652	0,2	6 338 927	6,6
1997	57 581 052	7,7	6 814 360	7,5
1998	54 641 859	-5,1	6 013 950	-11,7
1999	50 491 060	-7,6	5 256 886	-12,6
2000	56 407 794	11,7	5 918 676	12,6
2001	58 222 642	3,2	6 345 359	7,2
Taxa de crescimento 1991-01 (2)	-	2,8	-	1,8

ANOS	SC		PR	
	Valor (1) (US\$ mil)	Δ % Anual	Valor (1) (US\$ mil)	Δ % Anual
1991	1 964 483	-	2 351 509	-
1992	2 235 067	13,8	2 634 881	12,1
1993	2 664 925	19,2	3 008 029	14,2
1994	2 830 444	6,2	4 127 627	37,2
1995	3 042 464	7,5	4 092 542	-0,8
1996	2 951 757	-3,0	4 752 154	16,1
1997	3 048 799	3,3	5 274 574	11,0
1998	2 783 714	-8,7	4 517 523	-14,4
1999	2 699 959	-3,0	4 135 667	-8,5
2000	2 776 791	2,8	4 497 513	8,7
2001	3 028 399	9,1	5 317 509	18,2
Taxa de crescimento 1991-01 (2)	-	2,8	-	6,9

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Mdic/Sessex (<http://www.mdic.gov.br>).

Consumer Price Index Statistics from Historical Statistics of the United States (<http://www.westegg.com/inflation/infl.cgi>).

(1) A preços de 2001. (2) Taxa média geométrica de crescimento entre 1991 e 2001.

Nesse período, foram as exportações de produtos semi-industrializados do RS que mais cresceram (2,6%), seguidos de produtos manufaturados (1,7%) e de produtos básicos (1,3%), conforme se constata na Tabela 5. As exportações manufaturadas cresceram bastante entre 1992 e 1993, declinando nos dois primeiros anos do Plano Real e em 1998 e 1999. No ano 2000, em função da desvalorização do real, as exportações manufaturadas passaram a crescer rapidamente (21,8%). O crescimento negativo em 2001 (-5,8%) deve-se à crise da economia argentina, um dos principais importadores do Brasil.

Tabela 5

Exportações e sua variação anual, por grupos de produtos,
do Rio Grande do Sul — 1991-01

ANOS	BÁSICOS		INDUSTRIALIZADOS		SEMI-INDUSTRIALIZADOS	
	Valor (1) (US\$ milhões)	Δ% Anual	Valor (1) (US\$ milhões)	Δ% Anual	Valor (1) (US\$ milhões)	Δ% Anual
1991	1 333	-	2 942	-	467	-
1992	1 897	42,3	3 505	19,1	543	16,4
1993	2 017	6,3	4 246	21,1	583	7,3
1994	1 782	-11,7	4 112	-3,1	730	25,3
1995	1 721	-3,4	4 202	2,2	878	20,2
1996	2 012	16,9	4 302	2,4	779	-11,2
1997	2 352	16,9	4 434	3,1	769	-1,3
1998	1 880	-20,1	4 099	-7,6	757	-1,5
1999	1 560	-17,0	3 661	-10,7	681	-10,1
2000	1 583	1,5	4 268	16,6	639	-6,2
2001	2 205	39,3	4 084	-4,3	666	4,2
Taxa de crescimento 1991-01 (2)	-	1,3	-	1,8	-	2,6

ANOS	MANUFATURADOS		OPERAÇÕES ESPECIAIS (1) (US\$ milhões)	EXPORTAÇÕES TOTAIS	
	Valor (1) (US\$ milhões)	Δ% Anual		Valor (1) (US\$ milhões)	Δ% Anual
1991	2 476	-	12	4 286	-
1992	2 962	19,7	17	5 419	26,4
1993	3 663	23,6	15	6 278	15,9
1994	3 382	-7,7	23	5 917	-5,7
1995	3 324	-1,7	22	5 945	0,5
1996	3 523	6,0	24	6 339	6,6
1997	3 665	4,0	28	6 814	7,5
1998	3 341	-8,8	35	6 014	-11,7
1999	2 980	-10,8	37	5 257	-12,6
2000	3 629	21,8	68	5 919	12,6
2001	3 418	-5,8	57	6 345	7,2
Taxa de crescimento 1991-01 (2)	-	1,7	-	-	1,8

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Mdic/Sessex (<http://www.mdic.gov.br>).

Consumer Price Index Statistics from Historical Statistics of the United States (<http://www.westegg.com/inflation/infl.cgi>).

(1) A preços de 2001. (2) Taxa média geométrica de crescimento entre 1991 e 2001.

Em 2001, as exportações totais do Estado ainda cresceram razoavelmente (7,2%), graças ao bom desempenho das exportações de produtos básicos (39,3%). Nesse ano, em relação às exportações totais, caíram as participações das exportações de bens de capital, de bens de consumo e de outras exportações, com um ligeiro aumento da participação das exportações de bens intermediários, de 53,2% para 54,6% (Tabela 6).

Tabela 6

Exportações, por tipos de bens, do Rio Grande do Sul — 2000 e 2001

TIPOS	2001		2000		$\Delta\%$ ANUAL 2001/2000
	Valor (1) (US\$ milhões)	%	Valor (1) (US\$ milhões)	%	
Bens de capital	514 408 671	8,1	494 606 262	8,4	4,0
Bens intermediários	3 462 578 400	54,6	3 151 172 678	53,2	9,9
Bens de consumo	2 308 127 210	36,4	2 200 343 576	37,2	4,9
Combustíveis e lubrificantes	3 558 955	0,1	4 951 426	0,1	-28,1
Outras exportações	56 685 608	0,9	67 601 539	1,1	-16,1
TOTAL DAS EXPORTAÇÕES	6 345 358 844	100,0	5 918 675 481	100,0	7,2

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Mdic/Sessex (<http://www.mdic.gov.br>).

Consumer Price Index Statistics from Historical Statistics of the United States (<http://www.westegg.com/inflation/infl.cgi>).

(1) A preços de 2001.

4.2 - Evolução das importações — 1991-01

Em relação às importações, o Plano Real foi favorável à sua rápida expansão (Tabela 7). A valorização cambial barateou as importações, que cresceram quase 30% entre 1993 e 1995. As maiores taxas de crescimento das importações de produtos básicos ocorreram em 1994 (62,7%) e em 2000 (41,9%), enquanto a maior taxa de crescimento da importação de produtos manufaturados ocorreu em 1995 (47,8%). Com a crise cambial, as importações totais caíram 25,4% em 1999 e 1,6% em 2001.

Tabela 7

Importações e variação anual, por grupos de produtos,
do Rio Grande do Sul — 1991-01

ANOS	BÁSICOS		INDUSTRIALIZADOS		SEMI- INDUSTRIALIZADOS	
	Valor (1) (US\$ milhões)	Δ% Anual	Valor (1) (US\$ milhões)	Δ% Anual	Valor (1) (US\$ milhões)	Δ% Anual
1991	735	-	1 240	-	326	-
1992	464	-36,9	1 184	-4,5	267	-18,0
1993	616	32,8	1 501	26,8	304	14,0
1994	1 003	62,7	1 714	14,2	286	-6,2
1995	1 080	7,7	2 383	39,0	271	-5,2
1996	1 180	9,3	2 582	8,4	264	-2,6
1997	1 113	-5,7	3 033	17,5	264	0,1
1998	1 027	-7,8	3 600	18,7	251	-5,2
1999	711	-30,7	2 731	-24,1	233	-7,2
2000	1 010	41,9	3 109	13,8	287	23,3
2001	1 006	-0,3	3 044	-2,1	286	-0,4
Taxa de crescimento 1991-01 (2)	-	4,7	-	10,8	-	-1,3

ANOS	MANUFATURADOS		IMPORTAÇÕES TOTAIS	
	Valor (1) (US\$ milhões)	Δ% Anual	Valor (1) (US\$ milhões)	Δ% Anual
1991	915	-	1 975	-
1992	917	0,2	1 648	-16,6
1993	1 197	30,6	2 118	28,5
1994	1 429	19,3	2 717	28,3
1995	2 112	47,8	3 462	27,4
1996	2 318	9,8	3 762	8,7
1997	2 769	19,5	4 147	10,2
1998	3 349	20,9	4 626	11,6
1999	2 498	-25,4	3 442	-25,6
2000	2 822	13,0	4 118	19,6
2001	2 759	-2,2	4 051	-1,6
Taxa de crescimento 1991-01 (2)	-	12,9	-	9,1

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Mdic/Sessex (<http://www.mdic.gov.br>).

Consumer Price Index Statistics from Historical Statistics of the
United States (<http://www.westegg.com/inflation/infl.cgi>).

(1) A preços de 2001. (2) Taxa média geométrica de crescimento entre 1991 e 2001.

Ao longo do tempo, as importações de produtos básicos têm se reduzido e ficado em torno de 25% do total. A grande expansão verifica-se em relação às importações de manufaturados (quase 70%), com queda das importações de semi-industrializados (Tabela 8).

Em 2001, embora as importações totais tenham caído 1,6%, as importações de bens de capital passaram de 15% do total em 2000 para 20,5% em 2001. Ligeiro aumento ocorreu em relação aos bens intermediários e aos bens de consumo, com queda sensível da participação das importações de combustíveis e lubrificantes (Tabela 9). O crescimento da demanda de importações tem sido maior por parte das indústrias.

Tabela 8

Estrutura, por grupos de produtos, das importações do Rio Grande do Sul — 1991-01

(%)

ANOS	BÁSICOS	INDUS- TRIALIZADOS	SEMI- INDUSTRIALIZADOS	MANUFA- TURADOS	IMPORTAÇÕES TOTAIS
1991	37,2	62,8	16,5	46,3	100,0
1992	28,2	71,8	16,2	55,6	100,0
1993	29,1	70,9	14,4	56,5	100,0
1994	36,9	63,1	10,5	52,6	100,0
1995	31,2	68,8	7,8	61,0	100,0
1996	31,4	68,6	7,0	61,6	100,0
1997	26,8	73,2	6,4	66,8	100,0
1998	22,2	77,8	5,4	72,4	100,0
1999	20,7	79,3	6,8	72,6	100,0
2000	24,5	75,5	7,0	68,5	100,0
2001	24,8	75,2	7,1	68,1	100,0

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Mdic/Sessex (<http://www.mdic.gov.br>).

Tabela 9

Importações, por tipos de bens, do Rio Grande do Sul — 2000 e 2001

TIPOS	2001		2000		Δ% ANUAL 2001/2000
	Valor (1) (US\$ milhões)	%	Valor (1) (US\$ milhões)	%	
Bens de capital	829 624 020	20,5	615 875 419	15,0	34,7
Bens intermediários	1 664 307 894	41,1	1 663 214 204	40,4	0,1
Bens de consumo	328 190 456	8,1	322 660 515	7,8	1,7
Combustíveis e lubrifican- tes	1 228 595 099	30,3	1 516 268 135	36,8	-19,0
TOTAL DAS EXPORTA- ÇÕES	4 050 717 469	100,0	4 118 018 273	100,0	-1,6

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Mdic/Sessex (<http://www.mdic.gov.br>).

Consumer Price Index Statistics from Historical Statistics of the
United States (<http://www.westegg.com/inflation/infl.cgi>).

(1) A preços de 2001.

4.3 - Destino das exportações e origem das importações

O destino das exportações do RS nos últimos dois anos está relacionado na Tabela 10. Observa-se que os Estados Unidos absorvem mais de 25% das exportações totais do Estado e a Argentina, cerca de 10%. Em 2000-01, a participação desses dois países nas exportações gaúchas se reduziu com um ligeiro aumento da participação das exportações para a China, a Espanha, a Holanda, os Países Árabes, a França, a Rússia, a Venezuela, a Coreia, a África do Sul, dentre outros países. Reduziu-se a participação das exportações para o Reino Unido, a Alemanha, a Itália, o Uruguai, o Japão, o Chile, o Paraguai, etc. As exportações para esses 30 países permaneceu relativamente constante, absorvendo cerca de 88% das exportações do RS.

Tabela 10

Exportações, segundo o país de destino, do Rio Grande do Sul — 2000 e 2001

NÚMERO E PAÍS	2001		2000		Δ% ANUAL 2001/2000
	Valor (1) (US\$ milhões)	%	Valor (1) (US\$ milhões)	%	
1 Estados Unidos	1 616 005 276	25,5	1 613 372 836	27,3	0,2
2 Argentina	573 508 957	9,0	676 957 637	11,4	-15,3
3 China	370 852 769	5,8	255 050 048	4,3	45,4
4 Reino Unido	218 714 799	3,4	215 550 616	3,6	1,5
5 México	216 170 521	3,4	203 684 231	3,4	6,1
6 Alemanha	210 512 981	3,3	198 426 822	3,4	6,1
7 Itália	203 404 895	3,2	211 563 451	3,6	-3,9
8 Espanha	195 071 633	3,1	158 571 954	2,7	23,0
9 Holanda	193 895 417	3,1	174 148 078	2,9	11,3
10 Uruguai	155 746 098	2,5	193 537 553	3,3	-19,5
11 Japão	145 946 848	2,3	154 789 587	2,6	-5,7
12 Chile	140 163 634	2,2	142 413 421	2,4	-1,6
13 Bélgica	112 001 699	1,8	106 416 365	1,8	5,2
14 Paraguai	107 914 019	1,7	150 428 494	2,5	-28,3
15 Hong Kong	105 820 448	1,7	106 110 065	1,8	-0,3
16 Irã	102 120 634	1,6	56 270 422	1,0	81,5
17 Arábia Saudita	91 086 814	1,4	47 477 670	0,8	91,9
18 França	91 068 885	1,4	57 624 334	1,0	58,0
19 Rússia	86 877 894	1,4	29 636 090	0,5	193,1
20 Venezuela	78 983 535	1,2	46 681 622	0,8	69,2
21 Coreia do Sul	76 915 667	1,2	48 965 284	0,8	57,1
22 África do Sul	65 606 066	1,0	43 468 908	0,7	50,9
23 Índia	58 178 898	0,9	17 277 194	0,3	236,7
24 Diversos (provisão de navios e aeronaves)	56 164 157	0,9	67 277 536	1,1	-16,5
25 Colômbia	55 420 279	0,9	38 286 337	0,6	44,8
26 Tailândia	52 576 519	0,8	26 533 074	0,4	98,2
27 Suíça	49 097 979	0,8	15 532 593	0,3	216,1
28 Canadá	48 771 135	0,8	57 309 720	1,0	-14,9
29 Bolívia	44 927 973	0,7	41 780 974	0,7	7,5
30 Filipinas	39 253 618	0,6	39 521 090	0,7	-0,7
Total dos principais países	5 562 780 047	87,7	5 194 664 007	87,8	7,1
Demais países	782 578 797	12,3	724 011 474	12,2	8,1
EXPORTAÇÕES TOTAIS	6 345 358 844	100,0	5 918 675 481	100,0	7,2

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Mdic/Sessex (<http://www.mdic.gov.br>)Consumer Price Index Statistics from Historical Statistics of the United States (<http://www.westegg.com/inflation/infl.cgi>)

(1) A preços de 2001.

Quando se comparam as exportações do RS por blocos econômicos de destino (Tabela 11), constata-se que o Mercosul ocupa a quarta posição, com participação decrescente nas exportações totais (17,2% em 2000 para 13,2% em 2001). A União Européia vem em segundo lugar, com mais de 20% de participação. Em 2001, as exportações para a Ásia, exceto Oriente Médio, ultrapassaram as exportações para o Mercosul, em função da crise da Argentina, que afetou o conjunto do bloco. A participação das exportações gaúchas para os demais blocos aumentou de 12,3% para 15,6% em 2000/01, mostrando que o RS participa do esforço da economia brasileira em diversificar o destino de suas vendas externas.

Tabela 11

Exportações, segundo os blocos econômicos de destino,
do Rio Grande do Sul — 2000 e 2001

PAÍSES	2001		2000		Δ% ANUAL 2001/2000
	Valor (1) (US\$ milhões)	%	Valor (1) (US\$ milhões)	%	
EUA, inclusive Porto Rico ..	1 636 073 773	25,8	1 633 901 609	27,6	0,1
União Européia	1 314 989 944	20,7	1 228 395 519	20,8	7,0
Ásia, exceto Oriente Médio	987 666 568	15,6	791 164 884	13,4	24,8
Mercosul	837 169 074	13,2	1 020 923 684	17,2	-18,0
Aladi, exceto Mercosul	581 273 867	9,2	516 376 733	8,7	12,6
Demais blocos	988 185 618	15,6	727 913 053	12,3	35,8
TOTAL DAS EXPORTA- ÇÕES	6 345 358 844	100,0	5 918 675 481	100,0	7,2

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Mdic/Sessex (<http://www.mdic.gov.br>).

Consumer Price Index Statistics from Historical Statistics of the
United States (<http://www.westegg.com/inflation/infl.cgi>).

(1) A preços de 2001.

Com relação à origem das importações, a Argentina ocupa o primeiro lugar, porém com participação decrescente em 2000/01, de 31,7% para 25,5%, enquanto a participação dos Estados Unidos e da Nigéria é crescente (Tabela 12). A crise Argentina acabou também desviando importações de trigo e petróleo para esses dois países. Com aumento da participação nas importações totais do RS estão a Alemanha, a Suécia, a França, o Reino Unido, o Chile, Israel, etc. Com decréscimo de participação encontram-se o Uruguai, a Argélia, a Itália, a Rússia, a Venezuela, o Japão, o Canadá, a Espanha, dentre outros países.

Tabela 12

Importações, segundo o país de origem, do Rio Grande do Sul — 2000 e 2001

NÚMERO E PAÍS	2001		2000		Δ% ANUAL 2001/2000
	Valor (1) (US\$ milhões)	%	Valor (1) (US\$ milhões)	%	
1 Argentina	1 032 280 115	25,5	1 305 277 908	31,7	-20,9
2 Estados Unidos	527 180 225	13,0	479 767 085	11,7	9,9
3 Nigéria	480 581 359	11,9	200 597 568	4,9	139,6
4 Alemanha	263 471 832	6,5	211 307 451	5,1	24,7
5 Uruguai	181 871 760	4,5	193 541 927	4,7	-6,0
6 Argélia	162 981 387	4,0	379 278 515	9,2	-57,0
7 Itália	134 082 765	3,3	145 781 485	3,5	-8,0
8 Suécia	114 505 577	2,8	8 862 486	0,2	1 192,0
9 França	95 066 687	2,3	86 798 878	2,1	9,5
10 Rússia	79 558 137	2,0	95 308 985	2,3	-16,5
11 Reino Unido	78 218 545	1,9	61 265 114	1,5	27,7
12 Chile	61 998 904	1,5	56 937 294	1,4	8,9
13 Venezuela	60 285 655	1,5	113 490 416	2,8	-46,9
14 Israel	58 311 990	1,4	42 001 667	1,0	38,8
15 Japão	58 191 396	1,4	61 406 707	1,5	-5,2
16 Bolívia	48 900 834	1,2	17 396 706	0,4	181,1
17 Canadá	48 896 661	1,2	59 141 210	1,4	-17,3
18 Espanha	46 811 724	1,2	54 331 716	1,3	-13,8
19 Coreia do Sul	40 863 857	1,0	38 119 458	0,9	7,2
20 China	39 324 756	1,0	36 495 851	0,9	7,8
21 Taiwan	37 841 118	0,9	35 127 265	0,9	7,7
22 Marrocos	28 952 372	0,7	23 827 222	0,6	21,5
23 Austrália	25 502 663	0,6	33 383 102	0,8	-23,6
24 Holanda	18 651 651	0,5	17 719 449	0,4	5,3
25 Suíça	17 772 217	0,4	9 846 874	0,2	80,5
26 Portugal	16 775 277	0,4	12 577 730	0,3	33,4
27 África do Sul	16 027 040	0,4	12 194 834	0,3	31,4
28 México	15 816 955	0,4	18 013 869	0,4	-12,2
29 Indonésia	14 778 745	0,4	19 704 189	0,5	-25,0
30 Hong Kong	13 847 184	0,3	9 979 184	0,2	38,8
Total dos principais países	3 819 349 388	94,3	3 839 482 145	93,2	-0,5
Demais países	231 368 081	5,7	278 536 128	6,8	-16,9
IMPORTAÇÕES TOTAIS ...	4 050 717 469	100,0	4 118 018 273	100,0	-1,6

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Mdic/Sessex (<http://www.mdic.gov.br>).Consumer Price Index Statistics from Historical Statistics of the United States (<http://www.westegg.com/inflation/inf.cgi>).

(1) A preços de 2001.

A Tabela 13 apresenta a origem das importações do RS por blocos econômicos, onde se observa o grande peso das importações provenientes do Mercosul (36,6% para 30%). Observa-se que parcela significativa das importações do Mercosul desviou-se para a União Européia, a África e os Estados Unidos. Contudo houve um acréscimo de 1% das importações provenientes dos 30 países mais importantes, aumentando de 93,2% para 94,3%.

Tabela 13

Importações, segundo os blocos econômicos de origem,
do Rio Grande do Sul — 2000 e 2001

BLOCOS ECONÔMICOS	2001		2000		Δ% ANUAL 2001/2000
	Valor (1) (US\$ milhões)	%	Valor (1) (US\$ milhões)	%	
Mercosul	1 215 783 988	30,0	1 505 360 942	36,6	-19,2
União Européia	811 875 971	20,0	651 697 601	15,8	24,6
África, exceto Oriente Médio	720 128 097	17,8	645 902 959	15,7	11,5
EUA, inclusive Porto Rico	527 282 724	13,0	480 039 309	11,7	9,8
Ásia, exceto Oriente Médio	272 194 921	6,7	254 536 995	6,2	6,9
Demais blocos	503 451 768	12,4	580 480 466	14,1	-13,3
TOTAL DAS IMPORTA- ÇÕES	4 050 717 469	100,0	4 118 018 273	100,0	-1,6

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Mdic/Sessex (<http://www.mdic.gov.br>).

Consumer Price Index Statistics from Historical Statistics of the
United States (<http://www.westegg.com/inflation/infl.cgi>).

(1) A preços de 2001.

4.4 - Principais produtos exportados e importados pelo RS

Os principais produtos exportados pelo RS são calçados, fumo, soja e derivados, frango, couros e peles preparadas, produtos químicos, carroçarias para veículos, motores, etc. (Tabela 14). A participação dos 10 principais produtos exportados nas exportações totais do RS aumentou de 44,1% em 2000 para 51,7% em 2001. Isto indica que a economia gaúcha vem aproveitando as suas vantagens comparativas para aumentar as exportações totais.

Entre os principais produtos, as exportações que mais cresceram em 2000-01 foram: Pedacos e miudezas de frango congelado (93,9%), Outros tratores (89,7%), Óleo de soja em bruto (79,1%), Outros grãos de soja mesmo triturados (78,3%), Carnes de frango não cortadas em pedacos, congeladas (58,9%), Ba- gaços e outros resíduos da extração do óleo de soja (48,4%), Couros e peles bovinas preparadas (33,6%) e Outros motores diesel para veiculos (27,6%).

Com a redução das exportações em termos reais, entre os principais produtos, tem-se Outros calçados de couro vegetal (-4,5%), Outros polietilenos sem carga (-15,8%), Pasta química para madeira (-40,4%), Polietileno sem carga (-39,9%), etc.

Observa-se, na Tabela 14, que os 60 principais produtos exportados aumentaram a sua participação nas exportações totais do RS de 77,3% em 2000 para 81,1% em 2001, correspondendo a um acréscimo de 12,5%. Por outro lado, as exportações dos demais produtos caíram 10,6%, reduzindo a participação no total de 22,7% para 18,9%.

Tabela 14

Principais produtos exportados pelo Rio Grande do Sul — 2000 e 2001

NÚMERO E PRODUTO	2001		2000		Δ% 2001/ /2000
	Valor (1) (US\$)	Participação %	Valor (1) (US\$)	Participação %	
1 Outros calçados de couro natural	885 279	14,0	927 336	15,7	-4,5
2 Fumo não manufaturado total ou parcial Virgínia	615 629	9,7	533 140	9,0	15,5
3 Outros grãos de soja mesmo triturados	483 411	7,6	271 173	4,6	78,3
4 Bagaços e outros resíduos da extração do óleo de soja ...	304 593	4,8	205 299	3,5	48,4
5 Outros calçados de couro natural, cobrindo o tornozelo	247 474	3,9	209 654	3,5	18,0
6 Pedacos e miudezas de frango TC congelados	175 866	2,8	90 686	1,5	93,9
7 Carnes de frango não cortadas em pedacos, congeladas	155 854	2,5	98 063	1,7	58,9
8 Oleo de soja em bruto	145 942	2,3	81 489	1,4	79,1
9 Couro e peles bovinas preparadas	144 563	2,3	108 175	1,8	33,6
10 Fumo não manufaturado	120 966	1,9	118 659	2,0	1,9
11 Outros polietilenos sem carga	110 359	1,7	131 089	2,2	-15,8

(continua)

Tabela 14

Principais produtos exportados pelo Rio Grande do Sul — 2000 e 2001

NÚMERO E PRODUTO	2001		2000		Δ% 2001/ /2000
	Valor (1) (US\$)	Participação %	Valor (1) (US\$)	Participação %	
12 Carroçarias para veículos automotores para transpor- te	97 827	1,5	87 884	1,5	11,3
13 Outros moto- res diesel para veículos	95 813	1,5	75 097	1,3	27,6
14 Milho em grão, exceto para semeadura	81 546	1,3	1	0,0	0,0
15 Outros calça- dos de bor- racha ou plás- tico	79 600	1,3	69 008	1,2	15,3
16 Pasta química para madeira	75 403	1,2	126 605	2,1	-40,4
17 Couros e peles de bovino <i>wet</i> <i>blue</i>	64 072	1,0	68 651	1,2	-6,7
18 Outros tratores	60 566	1,0	31 921	0,5	89,7
19 Outras carnes de suíno con- geladas	59 226	0,9	48 178	0,8	22,9
20 Outras partes e acessórios para tratores e automóveis	56 958	0,9	52 654	0,9	8,2
21 Outros couros e peles de bo- vinos prepara- das e curtidas	56 886	0,9	48 082	0,8	18,3
22 Consumo de bordo, com- bustíveis e lu- brificantes pa- ra embarca- ções	53 095	0,8	64 563	1,1	-17,8
23 Polietileno sem carga	52 772	0,8	87 808	1,5	-39,9

(continua)

Tabela 14

Principais produtos exportados pelo Rio Grande do Sul — 2000 e 2001

NÚMERO E PRODUTO	2001		2000		Δ% 2001/ /2000
	Valor (1) (US\$)	Participação %	Valor (1) (US\$)	Participação %	
24 Móveis de ma- deira para quarto de dor- mir	49 257	0,8	49 029	0,8	0,5
25 Outros móveis de madeira	43 712	0,7	53 326	0,9	-18,0
26 Veículos auto- móveis para transporte com motor diesel ...	42 060	0,7	30 600	0,5	37,5
27 Desperdícios de fumo	38 333	0,6	26 526	0,4	44,5
28 Outras obras de couro na- tural ou re- constituído	36 027	0,6	33 963	0,6	6,1
29 Outros calça- dos de couro natural e sola exterior de couro	35 854	0,6	39 765	0,7	-9,8
30 Outros apare- lhos de ar con- dicionado para paredes e ja- nelas	34 048	0,5	50 936	0,9	-33,2
31 Madeiras de coníferas, ser- rada ou corta- da em folhas	33 793	0,5	27 567	0,5	22,6
32 Eter metil ter- -butilico	31 896	0,5	41 559	0,7	-23,3
33 Benzeno	31 837	0,5	65 621	1,1	-51,5
34 Madeira de não conífera, em estilhas ou em partículas	31 103	0,5	32 048	0,5	-2,9

(continua)

Tabela 14

Principais produtos exportados pelo Rio Grande do Sul — 2000 e 2001

NÚMERO E PRODUTO	2001		2000		Δ% 2001/ /2000
	Valor (1) (US\$)	Participação %	Valor (1) (US\$)	Participação %	
35 Pneus novos para motocicletas	30 733	0,5	31 966	0,5	-3,9
36 Outros calçados de matéria têxtil, sola de borracha ou plástico	29 205	0,5	43 365	0,7	-32,7
37 Proteína de soja em pó	28 100	0,4	22 912	0,4	22,6
38 Polietileno linear	27 710	0,4	61 290	1,0	-54,8
39 Outras espingardas e carabinas para caça ou tiro ao alvo	26 001	0,4	30 115	0,5	-13,7
40 Outras guarnições não montadas para freios de amianto	25 856	0,4	26 367	0,4	-1,9
41 Outras máquinas e aparelhos para colheita	25 668	0,4	24 958	0,4	2,8
42 Preparações alimentícias e conservas de bovinos	23 768	0,4	26 973	0,5	-11,9
43 Borracha de estireno, butadieno ou outras formas primárias	21 164	0,3	21 820	0,4	-3,0
44 Outros tipos de mate	21 135	0,3	20 621	0,3	2,5

(continua)

Tabela 14

Principais produtos exportados pelo Rio Grande do Sul — 2000 e 2001

NÚMERO E PRODUTO	2001		2000		Δ% 2001/ /2000
	Valor (1) (US\$)	Participação %	Valor (1) (US\$)	Participação %	
45 Fumo não ma- nufaturado	21 026	0,3	33 763	0,6	-37,7
46 Extrato tanan- te de mimosa	20 198	0,3	22 295	0,4	-9,4
47 Polipropileno sem carga em forma primária	18 421	0,3	44 845	0,8	-58,9
48 Borracha de etileno, propi- leno não con- jugada em chapas	17 799	0,3	14 503	0,2	22,7
49 Outros con- densadores fi- xos com dieletr. papel ou plástico	17 199	0,3	22 706	0,4	-24,3
50 Facas de cozi- nha ou açou- gue de lâmina fixa de metal comum	16 446	0,3	17 973	0,3	-8,5
51 Outros funci- das apresenta- dos de outro modo	16 180	0,3	15 694	0,3	3,1
52 Butadieno não saturado	15 519	0,2	16 732	0,3	-7,3
53 Outros artefa- tos domésticos de aço inoxi- dável e partes	15 389	0,2	13 326	0,2	15,5
54 Motores diesel e semidiesel para veículos	15 351	0,2	8 560	0,1	79,3
55 Partes supe- riores de cal- çados e seus componentes	14 553	0,2	16 355	0,3	-11,0

(continua)

Tabela 14

Principais produtos exportados pelo Rio Grande do Sul — 2000 e 2001

NÚMERO E PRODUTO	2001		2000		Δ% 2001/ /2000
	Valor (1) (US\$)	Participação %	Valor (1) (US\$)	Participação %	
56 Preparações alimentícias de frango e conservas de frango	14 312	0,2	6 322	0,1	126,4
57 Outras pedras preciosas e semipreciosas trabalhadas ou não	13 939	0,2	15 656	0,3	-11,0
58 Talheres de aço inoxidável	13 923	0,2	12 904	0,2	7,9
59 Móveis de madeira para cozinha	13 722	0,2	13 569	0,2	1,1
60 Outros calçados de borracha ou plástico cobrindo o tornozelo	13 474	0,2	4 553	0,1	195,9
Total dos principais produtos exportados	5 148 412	81,1	4 576 299	77,3	12,5
Demais produtos exportados	1 196 947	18,9	1 342 376	22,7	-10,8
TOTAL DAS EXPORTAÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL	6 345 359	100,0	5 918 675	100,0	0,2

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Mdic/Sessex (<http://www.mdic.gov.br>).Consumer Price Index Statistics from Historical Statistics of the United States (<http://www.westegg.com/inflation/infl.cgi>).

(1) A preços de 2001.

Os principais produtos importados pelo RS são Óleos brutos de petróleo, Naftas para petroquímica, Couros e peles curtidas sem acabamento, Produtos químicos, Trigo, Gás natural, Automóveis e componentes, Arroz, Pneus, etc. (Tabela 15). O principal produto importado é Óleos brutos de petróleo, cuja participação subiu de 17,6% em 2000 para 18,5% em 2001.

Tabela 15

Principais produtos importados pelo Rio Grande do Sul — 2000 e 2001

NÚMERO E PRODUTO	2001		2000		Δ% 2001/ /2000
	Valor (1) (US\$)	Participação %	Valor (1) (US\$)	Participação %	
1 Óleos brutos de petróleo	748 520	18,5	726 424	17,6	3,0
2 Naftas para petroquímica	238 757	5,9	371 290	9,0	-35,7
3 Outras naftas	143 956	3,6	336 918	8,2	-57,3
4 Outros couros e peles bovinas curtidas, sem acabamento	94 667	2,3	88 186	2,1	7,3
5 Outros cloretos de potássio	86 011	2,1	91 933	2,2	-6,4
6 Trigo e trigo com centeio ...	70 246	1,7	70 502	1,7	-0,4
7 Didrogênio e ortofosfato de amônio	54 870	1,4	40 939	1,0	34,0
8 Gás natural no estado gasoso	39 039	1,0	3 331	0,1	1 072,0
9 Outros grupos eletrogeno	36 075	0,9	0	0,0	0,0
10 Uréia com teor de nitrogênio ..	35 734	0,9	50 347	1,2	-29,0
11 Automóveis com motor diesel	33 591	0,8	0	0,0	0,0

(continua)

Tabela 15

Principais produtos importados pelo Rio Grande do Sul — 2000 e 2001

NÚMERO E PRODUTO	2001		2000		Δ% 2001/ /2000
	Valor (1) (US\$)	Participação %	Valor (1) (US\$)	Participação %	
12 Outras partes e acessórios para tratores e automóveis	32 339	0,8	35 353	0,9	-8,5
13 Outros motores diesel e semidiesel	30 672	0,8	26 794	0,7	14,5
14 Arroz descascado não parbolizado	29 935	0,7	33 668	0,8	-111,1
15 Garrações, garrafas, frascos e artigos semelhantes de plástico	26 241	0,6	11 591	0,3	126,4
16 Pneus novos para automóveis de passageiros	25 167	0,6	21 166	0,5	18,9
17 Outros compostos heterocíclicos	20 734	0,5	22 837	0,6	-9,2
18 Automóveis com motor de explosão	19 647	0,5	37 133	0,9	-47,1
19 Terminais fixos de telefonia celular sem fonte de energia	19 117	0,5	970	0,0	1 871,4
20 Arroz com casca não parbolizado	18 772	0,5	12 741	0,3	47,3
21 Outros compostos heterocíclicos	18 728	0,5	3 869	0,1	384,1
22 Outras bobinas de reatância e auto-indução	18 577	0,5	441	0,0	4 115,3

(continua)

Tabela 15

Principais produtos importados pelo Rio Grande do Sul — 2000 e 2001

NÚMERO E PRODUTO	2001		2000		Δ% 2001/ /2000
	Valor (1) (US\$)	Participação %	Valor (1) (US\$)	Participação %	
23 Arroz semi-branqueado não parbolizado	18 414	0,5	8 244	0,2	123,4
24 Automóveis com motor à explosão	17 957	0,4	15 783	0,4	13,8
25 Outros moto-compressores herméticos para equipamentos frigoríficos	17 590	0,4	17 792	0,4	-1,1
26 Transformadores elétricos ...	17 543	0,4	34	0,0	51 302,2
27 Outros motores a diesel estacionários	17 480	0,4	3 170	0,1	451,5
28 Endossulfan ...	17 354	0,4	13 608	0,3	27,5
29 Outras borrachas misturadas não vulcanizadas em formas primárias	16 764	0,4	17 493	0,4	-4,2
30 Outras máquinas e aparelhos mecânicos com função própria	16 504	0,4	15 029	0,4	9,8
31 Butanos liquefeitos	16 184	0,4	8 387	0,2	93,0
32 Inseticidas para uso domissanitário direto	16 055	0,4	4 152	0,1	286,7
33 Outras caixas de marchas para tratores ou <i>dumpers</i>	15 937	0,4	1 619	0,0	884,6

(continua)

Tabela 15

Principais produtos importados pelo Rio Grande do Sul — 2000 e 2001

NÚMERO E PRODUTO	2001		2000		Δ% 2001/ /2000
	Valor (1) (US\$)	Participação %	Valor (1) (US\$)	Participação %	
34 Propano em bruto, lique- feito	15 880	0,4	14 847	0,4	7,0
35 Outros com- postos orgâni- cos	15 621	0,4	16 432	0,4	-4,9
36 Chassis com motor para au- tomóveis	15 576	0,4	2 241	0,1	595,0
37 Microproces- sadores	15 349	0,4	8 361	0,2	83,6
38 Injetores para motores diesel ou semidiesel	15 275	0,4	15 302	0,4	-0,2
39 Outros nitratos de sódio po- tássico	15 213	0,4	12 278	0,3	23,9
40 Centrais auto- máticas para telefonia	15 049	0,4	11 178	0,3	34,6
41 Hidrogênio or- tofosfato de diamônio	13 998	0,3	14 125	0,3	-0,9
42 Outras partes de transforma- dores e con- versores	13 682	0,3	290	0,0	4 618,8
43 Automóveis com motor à explosão	13 555	0,3	16 930	0,4	-19,9
44 Ácido 2 hidroxi 4 cálcio	13 472	0,3	14 161	0,3	-4,9
45 Superfosfato teor de pento- xido de fósforo	12 935	0,3	21 774	0,5	-40,6
46 Outros ácidos fosfóricos	12 711	0,3	19 160	0,5	-33,7

(continua)

Tabela 15

Principais produtos importados pelo Rio Grande do Sul — 2000 e 2001

NÚMERO E PRODUTO	2001		2000		$\Delta\%$ 2001/ /2000
	Valor (1) (US\$)	Participação %	Valor (1) (US\$)	Participação %	
47 Outros condutores elétricos para tensão	12 648	0,3	139	0,0	9 015,2
48 Unidades de discos magnéticos para discos rígidos	12 517	0,3	5 522	0,1	126,7
49 Outros disjuntores para tensão igual ou superior a 72,5 Kv	12 473	0,3	4 875	0,1	155,8
50 Outras cebolas frescas ou refrigeradas	12 265	0,3	8 824	0,2	39,0
51 Cevada cervejeira	11 859	0,3	1 229	0,0	865,2
52 Etefon, difenilfosfonato	11 794	0,3	5 862	0,1	101,2
53 Couros e peles interior de bovino <i>wet blue</i>	10 900	0,3	18 733	0,5	-41,8
54 Outras partes de refrigeradores e congeladores	10 487	0,3	16 374	0,4	-36,0
55 Partes de outras turbinas a gás	10 251	0,3	4 219	0,1	143,0
56 Gás liquefeito de petróleo	10 214	0,3	41 085	1,0	-75,1
57 Nitrato de amônio mesmo em solução aquosa	10 047	0,3	7 371	0,2	36,3
58 Ferramentas de embutir e estampar	10 043	0,2	2 684	0,1	274,2

(continua)

Tabela 15

Principais produtos importados pelo Rio Grande do Sul — 2000 e 2001

NÚMERO E PRODUTO	2001		2000		Δ% 2001/ /2000
	Valor (1) (US\$)	Participação %	Valor (1) (US\$)	Participação %	
59 Papel jornal em rolos	9 973	0,2	19 475	0,5	-48,8
60 Fosfatos de cálcio naturais não moídos	9 905	0,2	10 553	0,3	-6,1
Total dos princi- pais produtos importados	2 372 868	58,6	2 405 763	58,4	-1,4
Demais produ- tos importados ..	1 677 849	41,4	1 712 255	41,6	-2,0
TOTAL DAS IM- PORTAÇÕES DO RIO GRAN- DE DO SUL	4 050 717	100,0	4 118 018	100,0	-1,6

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Mdic/Sessex (<http://www.mdic.gov.br>).Consumer Price Index Statistics from Historical Statistics of
the United States (<http://www.westegg.com/inflation/infl.cgi>).

(1) A preços de 2001.

Ao contrário das exportações, os 10 principais produtos de importação reduziram sua participação nas importações totais do Estado de 43,2% para 38,2% no período. As maiores reduções foram de Naftas para petroquímica (-35,7%) e Outras naftas (-57,3%), enquanto os maiores aumentos foram de Gás natural, em função da implantação do Gasoduto, Terminais fixos de telefonia celular, Outras bobinas de reatância e Transformadores elétricos, dentre outros produtos.

No conjunto dos 60 produtos de importação mais importantes, a sua participação nas importações totais ficou relativamente constante e um pouco acima de 58%. Essas importações se reduziram 1,4%, um pouco menos do que as demais importações (-2%).

5 - Considerações finais

Este trabalho examinou as relações entre exportações e crescimento econômico, com o exemplo da economia do RS. A idéia é a de que as exportações constituem uma base econômica a partir da qual as economias regionais

crecem e se diversificam. A teoria da base de exportação diz que o dinamismo do setor exportador exerce efeitos de multiplicação sobre o produto e o emprego do SMI, via compra de insumos e distribuição de renda. O aumento da produção das empresas locais, ampliando a escala produtiva, reduz os custos médios e aumenta a taxa de lucro, provocando novos investimentos e um processo acumulativo de crescimento e desenvolvimento.

Aumentando o tamanho da região e a economia regional diversificando-se, surgem outras variáveis exógenas explicando o crescimento regional, como investimentos no SMI e afluxos externos de renda. Assim, o conceito de base econômica é mais amplo do que o de base exportadora, envolvendo esta as exportações internacionais e as exportações para outras regiões do mesmo país. Muitas regiões em todo o mundo cresceram com base nas exportações de produtos primários, com as quais criaram uma indústria que mais tarde também se tornou exportadora. Para a economia gaúcha foi importante a produção de charque e de grãos que eram escoados para o centro do País. Em estudo realizado para o período 1951-66, constatou-se que 85% das flutuações do PIB do RS foi explicado pelo crescimento de suas exportações totais. A partir de meados dos anos 60, as exportações internacionais passaram a ter importância crescente para a economia gaúcha.

Em 1980, 35% das exportações do RS eram de produtos manufaturados, percentual que aumentou para 61% em 2000. A grande importância dessas exportações torna a economia gaúcha muito vulnerável às adversidades da política econômica do Governo Federal. Assim, as exportações do RS reduziram-se durante os primeiros anos do Plano Real e em 1998 e 1999, com os efeitos da crise externa. Em 2000 e 2001, as exportações cresceram, com reflexos positivos sobre o crescimento do PIB.

Excetuando-se a Argentina, com cerca de 10% das exportações gaúchas, o Mercosul não apresenta muita importância em termos de mercado para o RS. O Uruguai aparece em décimo lugar, com menos de 3% das exportações totais. As exportações para o Chile e para o Paraguai chegam a pouco mais de US\$ 100 milhões, enquanto as exportações para os Estados Unidos alcançaram mais de US\$ 1,6 bilhão de dólares nos dois últimos anos, ou 26% do total das exportações gaúchas. Em termos de blocos econômicos, o Mercosul aparece em quarto lugar, atrás dos EUA, da União Européia e da Ásia (exceto Oriente Médio).

Tendo em vista a relevância das exportações de produtos manufaturados no desenvolvimento econômico, principalmente aquelas de tecnologia intensiva, é muito importante que o RS possa ampliar ainda mais as suas exportações para os países desenvolvidos. Para isso, é necessário aumentar a sua competitividade, investindo em pesquisa e desenvolvimento e na educação

profissionalizante. A atração de capitais externos também é vital para a implantação de novas indústrias exportadoras e para a modernização de empresas do SMI, o que está de acordo com os princípios da teoria da base econômica.

Bibliografia

- BALASSA, Bela. Outward orientation. In: CHENERY, Hollis; SRINIVASAN, T. N. (eds.). **Handbook of development economics**. Amsterdam: North Holland, 1989, v. 2, cap. 31, p. 1645-1689.
- BERNI, Duílio de A.; SOUZA, Nali J. **Consequências econômicas da abertura comercial da economia brasileira: estudos setoriais**. Porto Alegre: NEP/PUCRS, 2001. (Relatório de Pesquisa, n. 5).
- COLLINS, Susan M. Lessons from Korean economic growth. **The American Economic Review**: Papers and Proceedings, v. 80, n. 2, May 1990.
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Editora Nacional, 1970.
- JAYME JUNIOR, Frederico G. Notes on trade and growth. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO NO SÉCULO XXI. **Evento comemorativo do Centenário de Dom Raul Prebisch**. Rio de Janeiro: UFRJ/IE, 2001.
- KOHLER, Romualdo. **Simulações acerca da relação entre oferta de moeda e crescimento de pequenas economias locais abertas**. Santa Cruz do Sul: [s.n.], 2001. (Dissertação em mestrado em Desenvolvimento Regional).
- LIMA, João Policarpo; KATZ, Fred. Comércio externo e estratégias de crescimento: uma visão a partir do Nordeste. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 25., Recife. **Anais...** Recife: ANPEC, 1997.
- MEDEIROS, Carlos; SERRANO, Franklin. Inserção externa, exportações e crescimento no Brasil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO NO SÉCULO XXI. **Evento comemorativo do Centenário de Dom Raul Prebisch**. Rio de Janeiro: UFRJ/IE, 2001.
- NORTH, D. Teoria da localização e crescimento econômico regional. In: SCHATZMAN, Jacques. **Economia Regional**. Belo Horizonte: Cedeplar, 1977. p. 291-313 (Texto escolhidos).
- PREBISCH, Raul. **Dinâmica do desenvolvimento latino-americano**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.

RADELET, Steven. **Manufactured exports, export platforms, and economic growth**. [s.l.]: Agency for International Development; Harvard Institute for International Development, 1999. (CAER II discussion paper, n. 43).

REYES, Giovanni E. Latin american exports and economic growth: the empirical evidence. **Sincronia**, University of Pittsburgh Graduate School of Public and International Affairs, Fall 2000.

SCHARTZMAN, Jacques. **Economia Regional**. Belo Horizonte: Cedeplar, 1977. (Texto escolhidos).

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**. São Paulo: Editora Nacional, 1974.

SIRKIN, Gerald. The theory of the regional economic base. **The Review of Economics and Statistics**, v. 41, n. 4, p. 426-429, nov. 1959.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações**: investigação sobre sua natureza e suas causas. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 2v.

SOUZA, Nali de J. Eficiência das pequenas e médias empresas e diversificação econômica no Rio Grande do Sul. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 7, Atibaia, 1979. **Anais da ANPEC**. São Paulo: ANPEC, 1979. v. 1, p. 425-496.

SOUZA, Nali J. A teoria da base econômica regional: uma verificação empírica. Dissertação (Mestrado) — Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas, Universidade Federal Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1982. 133p.

SOUZA, Nali J. Conceito e aplicação da teoria da base econômica. **Perspectiva Econômica**, São Leopoldo: Unisinos, v. 10, n. 25, p. 117-130, mar.1980.

SOUZA, Nali J. **Desenvolvimento econômico**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SOUZA, Nali J. **Fatores de crescimento, mudança estrutural e indicadores de desenvolvimento da Região Sul, 1980/1995**. Porto Alegre: CPGE/UFGRS, 1998 (Relatório de Pesquisa ao CNPq).

SOUZA, Nali J. **Vantagens comparativas, abertura comercial e crescimento da produção e do emprego dos Estados brasileiros, 1991/1998**. Porto Alegre: NEP/PUCRS, 2002. (Texto para discussão n. 21).

TIEBOUT, C. As exportações e o crescimento econômico regional. In: SCHWARTZMAN Jacques. **Economia Regional**. Belo Horizonte: Cedeplar, 1977. (Texto escolhidos). p. 315-323.

YOON, Taek Dong; SOUZA, Nali de Jesus. Uma análise empírica sobre os fatores do desenvolvimento econômico da Coreia do Sul: 1961-1990. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 321-367, abr./jun. 2001.